

O sujeito discursivo pós-revolução francesa: Antonin Carême

The discursive subject in French post-revolutionary period: Antonin Carême

Rita Maria Ribeiro BESSA¹

RESUMO: Antonin Carême é considerado o cozinheiro dos reis e o rei dos cozinheiros na França do final do século XVIII e primeira metade do XIX. Ele é o autor de *L'art de la cuisine française au XIXe siècle*. A leitura do primeiro volume desta obra permite perceber que o chefe Carême ocupa posições discursivas diferentes. O objetivo deste artigo é mostrar este movimento do sujeito ao tecer o seu discurso. Para as análises, o campo teórico usado é a análise do discurso francesa. São apresentadas as definições de discurso e condições de produção e nesta são mostrados os fatos sócio-históricos que permearam a elaboração do discurso de Carême e sobretudo, os conceitos de sujeito que permitem entender os seus deslocamentos. Acredita-se que tais reflexões contribuam para ampliar o entendimento da noção de sujeito discursivo.

PALAVRAS-CHAVE: Antonin Carême. Sujeito. Discurso. França dos séculos XVIII E XIX.

95

ABSTRACT: Antonin Carême is considered the cook of the kings and the king of cooks in France in the late eighteenth and early nineteenth. He is the author of *L'art de la cuisine française au XIXe siècle*. Reading the first volume of this work allows to realize that Carême occupied different discursive positions. The purpose of this article is to show the movement of this subject when he wrote the speech. For the analyzes, the theoretical field will be French speech analysis. The definitions of speech and production conditions will be displayed. Socio-historical facts will be showed and some concepts of subject that allow a good comprehension about his movements in the speech. These reflections will probably help to understand better the notion of discursive subject.

KEYWORDS: Antonin Carême. Subject. Speech. France XVIII and XIX centuries.

Introdução

Trata-se de trazer à reflexão o movimento de um sujeito discursivo que se tornou um grande chefe de cozinha francês atravessando um contexto sócio-histórico em ebulição onde de um lado os ideais revolucionários franceses predominavam e de outro este sujeito assistiu à constituição do Império Napoleônico.

Marie Antoine Carême, mais conhecido como Antonin Carême (1783-1833) é considerado o fundador da cozinha moderna francesa. Os seus trabalhos como confeiteiro, teórico, criador de molhos, desenhista e autor de obras importantes sobre a culinária francesa

¹ Universidade Federal da Bahia (UFBA). Instituto de Letras. Departamento de Letras Românicas. Salvador – BA – Brasil. CEP 40000. E-mail: rita_bessa@uol.com.br.

o colocam em uma posição privilegiada em relação a muitos outros cozinheiros franceses que o antecederam.

A. Carême se tornou conhecido e respeitado entre reis e nobres, como também por outros chefes pela arte de criar menus inigualáveis pelo sabor e pela apresentação. A ele se deve a criação dos famosos *vol-au-vents* e a base de molhos dos quais derivam muitos outros para enriquecer os pratos de cozinheiros de todos os tempos. O famoso chapéu de cozinha dos chefes – a toque foi invenção sua.

Outro fato relevante é que na sua trajetória A. Carême não separava a arquitetura da confeitaria. Segundo ele, as belas artes eram a pintura, a escultura, a poesia, a música e a arquitetura da qual o ramo principal seria a confeitaria. Ele inovou através das *extraordinaires* – extravagantes peças ornamentais para bufês feitas de açúcar em diferentes pontos de cozimento. Esta concepção decorativa foi mais uma das heranças deixadas por ele, além do serviço *à la russe*, ou seja, a sucessão de pratos na ordem que se conhece hoje: entrada, peixe, carne e sobremesa.

O grande chefe de cozinha francesa ou como era chamado o cozinheiro dos reis e ainda o rei dos cozinheiros (KELLY, 2005, p.12) publicou diversas obras sobre a culinária francesa apresentando os menus servidos a reis e nobres desde o ano de 1801 quando havia 17 anos. Citam-se *Le maître d'hôtel français*, *Le pâtissier royal parisien*; *Traité élémentaire et pratique*; *Le cuisinier parisien*; *Le pâtissier pittoresque* e *L'art de la cuisine française au XIX^e siècle* que é formado por 5 volumes dos quais o volume I constitui o corpus analisado.

O referencial de análise é constituído por acontecimentos do final do século XVIII e da primeira metade do século XIX, verifica-se que A. Carême efetivamente vivenciou a fase de efervescência político-social na França e as lutas por mudanças nos valores e nos gostos da sociedade da época. A gastronomia então refletia também o desejo de transformações.

As primeiras leituras do volume I da *L'art de la cuisine française au XIX^e siècle* motiva alguns questionamentos, pois, Antonin Carême foi considerado o cozinheiro dos reis e o rei dos cozinheiros em um momento sócio-histórico de turbulência na França pós revolução francesa. O questionamento que surge é como este sujeito permeado por uma ideologia tão marcante como a da revolução francesa se tornou tão conhecido como o cozinheiro de reis? Por que Antonin Carême é tão fortemente marcado por uma memória discursiva que reforça o modelo dos grandes banquetes? Este sujeito chefe de cozinha conseguiu dialogar com uma nova proposta de gastronomia mais democrática/revolucionária? Quais os fatos sócio-históricos que permearam o processo de constituição do seu discurso e do lugar de sujeito por ele ocupado?

Na busca por respostas para estes questionamentos são apontados alguns conceitos fundamentais para delimitar o campo teórico que se pretende utilizar. São apresentadas as definições de discurso e de condições de produção na perspectiva de estudos da escola francesa de análise do discurso. Nas condições de produção, embora considerando a tríade que a fundamenta: contexto sócio-histórico, sujeito e memória discursiva, a ênfase será dada a alguns dados sócio-históricos e apresentado o conceito de sujeito que melhor se adequa às análises. Os exemplos são retirados do volume I de *L'art de la cuisine française au XIX^e siècle*.

Diálogos entre as condições de produção do discurso e a constituição do sujeito.

Inicialmente cabe destacar o conceito de discurso adotado para, em seguida, apontar determinadas definições de condições de produção que alicerçam as reflexões acerca do sujeito no seu processo de constituição.

O conceito de discurso apontado por Orlandi (2002, p. 15-21) constitui o ponto de partida das reflexões. Segundo ela, o discurso é um objeto sócio-histórico que comporta a relação da língua com a ideologia. É através da língua que o discurso se materializa e é através da ideologia que o sujeito se constitui, assim, a partir desta posição, entende-se o discurso como uma materialidade que na sua natureza está sempre remetendo a algo que lhe é anterior, isto significa dizer que nas palavras de Orlandi, o discurso é um efeito de sentidos. Fernandes (2007, p. 16-30) define o discurso dizendo que este não é a língua, nem o texto nem a fala, porém necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Ao se propor analisar um discurso, busca-se interpretar os sujeitos falando e assim considerar a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais.

As definições de discurso são baseadas no pensamento de Pêcheux (2002, p. 56), a elas cabe acrescentar o que diz Pêcheux sobre o fato de as filiações sócio-históricas e os trajetos sociais não inviabilizarem no discurso as agitações, desestruturas e reestruturas que possam ocorrer sobre si próprios, através do trabalho de interpretação, entendido como atos de tomadas de posição de um sujeito. Acrescenta assim que, no espaço discursivo, sujeito e sentido são constituídos em uma dinâmica onde existe a tensão entre o mesmo e o diferente, entre a paráfrase e a polissemia, entre o já-dito e o a se dizer. Para a análise do discurso de linha francesa, não há um começo absoluto nem um ponto final para o discurso, este está sempre em relação com outros dizeres.

Assim, o discurso é entendido como um objeto sócio-histórico que se materializa através da língua e no qual o sujeito se constitui nos limites estabelecidos pela formação discursiva que regula o dizer e que por sua vez é regulada pela formação ideológica. Este dizer do sujeito será o efeito de discursos pré-construídos. O discurso é o efeito de uma dispersão que o envolve e o permeia em um ambiente sócio-histórico, e no qual o sujeito toma posição. Estas possíveis tomadas de posição do sujeito disperso reiteram o caráter heterogêneo de todo discurso.

97

Passando ao viés sócio-histórico que constitui uma das pontas da tríade que sustenta as condições de produção de um discurso, Pêcheux (1969) busca dar uma definição para o termo condições de produção inscrevendo esta noção no esquema informacional da comunicação de Jakobson onde protagonistas do discurso e o seu referente permitem compreender as condições históricas de produção de um discurso. Pêcheux contribui com esta premissa de base ao dizer que os protagonistas não são uma presença física, humana e individual, mas que representam lugares de uma estrutura em uma formação social. As relações entre estes lugares no discurso são representadas por formações imaginárias que definem o lugar que o sujeito que fala e aquele a quem fala atribui um ao outro determinando as estratégias de discurso e o que é dito.

À respeito da noção de condições de produção, Courtine (1981, p. 19-37) diz que ela descarta qualquer interferência psicologizante das determinações históricas do discurso que possa vir a transformá-las em circunstâncias ou que faça subentender interferências do sujeito do discurso como a fonte de relações discursivas, quando, na realidade ele não passa de um efeito. Segundo ele, a definição de Pêcheux, apresentada acima, não rompe com o caráter psicossociológico que parece dominar o plano histórico, não havendo uma hierarquização nos planos de referência. Ele diz que esta projeção (relações imaginárias) que locutor e alocutor fazem de si intervém na produção de seu discurso de forma que este deixa de ser prioritariamente o efeito de uma conjuntura, mostrando características individuais do locutor ou ainda de suas relações interindividuais. O sujeito não pode ser a fonte da relação interdiscursiva, ele é apenas o seu efeito. Ele sugere a redefinição da noção em que se considere a análise histórica das contradições ideológicas presentes na materialidade discursiva, articuladas com o conceito de formação discursiva. Segundo este autor, as relações

entre os lugares não constituem comportamentos individuais, mas dependem da estrutura das formações sociais e decorrem das relações de classe, tais como são descritas pelo materialismo histórico.

Observa-se nas palavras de Courtine uma posição teórica mais conservadora diante da possibilidade de certa “liberdade”, posicionamento do sujeito no discurso, este não passa de um efeito. É possível entrever também a crítica à noção de circunstância enunciativa onde o sujeito possa ter a soberania do dizer ou onde intevenha não apenas como um sujeito-efeito ideológico, mas também como indivíduo-psicológico com desejos, vontades, escolhas.

Este posicionamento teórico instiga a reflexão sobre as possíveis tomadas de posição do sujeito como é dito em Pêcheux (2002, p. 56) e as suas possibilidades de interpretação. O discurso e o sujeito, reiterando Courtine, são resultados, efeitos indiscutíveis de pré-construídos constitutivos da formação discursiva, mas como aponta Orlandi (2002, p.32), há um contexto amplo que reflete no discurso e no sujeito e um estrito que tange às circunstâncias enunciativas, espaço de interpretação e de tomada de posições do sujeito, onde se pode crer que este sujeito tem desejos, objetivos e escolhas apesar de interpelado pelo já-dito-ouvido-vivido.

O cuidado está em não atribuir a noção de fonte do dizer ao sujeito, o que seria negar os pressupostos da escola francesa de análise do discurso, como também não colocá-lo em uma camisa de força, como mero reproduzidor de dizeres, quando parece mais lógico pensá-lo como agente que dialoga com as coisas a saber, interpreta e transforma em um movimento de paráfrase e de polissemia.

No decorrer da investigação sobre a vida e a obra de Antonin Carême, mais precisamente na *L'art de la cuisine française au XIX^e siècle*, as inquietações aumentaram motivando certa angústia teórica exatamente acerca do sujeito, cuja base conceitual estava nas reflexões de Pêcheux e sobre o conceito de condições de produção encontrados neste autor e em Courtine.

O *corpus* apresenta um indivíduo-cidadão-francês nascido em 1783, ou seja, 6 anos antes dos episódios revolucionários de 1789 na França, que cresceu em um universo ideológico de repúdio à monarquia e à nobreza e, no entanto, se constituiu como sujeito cozinheiro dos reis (KELLY, 2005). Se o sujeito e o discurso são efeitos, por que um momento histórico com uma ideologia tão bem marcada não transformou este sujeito em um democrata da gastronomia doravante livre dos muros e da opulência dos palácios? Por que o sujeito chefe de cozinha Antonin Carême não perpetuou este lugar discursivo mais democrático que já podia ser atestado desde o século XVIII onde os chefes de cozinha demitidos dos palácios começavam a criar os seus restaurantes e a levar a boa comida para as novas classes sociais? As respostas para estas inquietações serão pontuadas ao se tratar da interpelação de Carême em sujeito cozinheiro dos reis, torna-se necessário para dar respaldo a elas verificar se a teoria da análise do discurso de linha francesa amplia o conceito de condições de produção do discurso e consequentemente o de sujeito.

No que se refere ao termo condições de produção, procurou-se rever algumas definições encontradas em dicionários de termos específicos da análise do discurso, como também, em textos de certos estudiosos da análise do discurso para construir ou adotar um posicionamento teórico que atendessem ao acontecimento discursivo em análise.

A noção de condições de produção é apontada por Maingueneau (2000, p.30-1) como oriunda da psicologia social, sendo reelaborada no quadro da análise do discurso por M. Pêcheux para designar o envolvimento institucional do discurso e as representações imaginárias que os interactantes fazem da sua respectiva identidade – os lugares – assim como do referente do seu discurso. A base das representações imaginárias é o que já foi dito e ouvido – o pré-construído.

Para Orlandi (2002, p. 32), as condições de produção compreendem os sujeitos, a situação e também a memória. Se considerada em sentido estrito, as condições de produção se restringem ao contexto imediato – as circunstâncias da enunciação. Em sentido amplo, as condições de produção vão incluir o contexto sócio-histórico e ideológico.

Quanto à memória discursiva, E. Orlandi diz que pode ser resumida apenas em tudo aquilo que fala antes, em outro lugar, tornando possível todo o dizer. Segundo ela, a memória discursiva disponibiliza certos dizeres que interferem na forma como o sujeito significa:

O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo o dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia.

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele (ORLANDI, 2002, p. 32).

O primeiro aspecto das definições acima a ser explorado é que o contexto sócio-histórico delimita o terreno para a formulação do discurso do sujeito-chefe de cozinha. Neste espaço o indivíduo se constitui em sujeito que por uma via interpretativa é considerado um (re) transmissor de algo que foi dito, de algo que faz parte de suas crenças e de sua memória discursiva. Outro caminho de interpretação sobre o sujeito entende que “ser um efeito” ou sofrer assujeitamento é uma característica parcial, pois, considerando que em uma formação discursiva vários dizeres se entrecruzam ora se completando ora se contrapondo, o sujeito opta por um ou vários pontos de vista, esquecendo alguns, porém, sem apagar tantos outros, o que lhe confere certa liberdade e até mesmo a ilusão de ser o dono daquele discurso.

Assim, diante das possibilidades cabe entender o lugar ou lugares que o sujeito-chefe de cozinha francês Antonin Carême ocupou no contexto sócio-histórico que será considerado a partir de 1799 quando completou 17 anos e efetivamente começou a trabalhar na área gastronômica.

A interpelação de Antonin Carême em sujeito cozinheiro dos reis.

Na busca de respostas para os questionamentos que serviram de base para esta análise e para a compreensão do lugar ou lugares ocupados pelo sujeito-chefe de cozinha Antonin Carême serão apresentados fatos do contexto sócio-histórico como pano de fundo da produção do seu discurso, como também, a circunstância enunciativa na qual o sujeito se constitui como cozinheiro dos reis e rei dos cozinheiros (KELLY, 2005). Será feita uma breve reflexão sobre o deslocamento deste sujeito que viveu para nobres e que ao mesmo tempo demonstra conciliar o seu discurso também com os ideais de “liberdade, igualdade e fraternidade”.

Kelly (2005, p. 12) define Antonin Carême como o órfão da Revolução Francesa abandonado aos nove anos (1792) que veio a tornar-se o chef de cozinha dos reis e o rei dos chefes de cozinha. Este é o ponto de partida, era filho de família numerosa e pobre de Paris cujo pai abandonou dizendo “Hoje em dia é só usar a inteligência para fazer fortuna e ser alguém, e inteligência você tem. Vá meu pequeno, com o que Deus lhe deu” (KELLY, 2005, p. 34).

Paris era marcada, então, pela violência nas ruas, o terror era a “ordem do dia”. Massacres de crianças e adultos, prisões, cabeças humanas e outras partes do corpo eram expostas nas ruas, o povo passava fome. As pessoas assistiam a mortes na guilhotina. O ambiente revolucionário clamava por mudanças, o Antigo Regime caía por terra.

Neste inferno contextual, o pequeno cidadão Carême cresceu com a sorte ao seu lado, pois foi retirado das ruas por um cozinheiro que o levou para sua casa para ser o seu ajudante na cozinha em troca de alojamento e de comida. Considera-se que no espaço de tempo entre a prisão de Luís XVI e de Maria Antonieta e a morte dela na guilhotina (1793), o jovem Carême começou o seu aprendizado de cozinha.

Kelly (2005, p. 34) diz algo relevante a respeito deste contexto vivido por Carême que vem a ajudar na construção das reflexões acerca da constituição deste sujeito: “Carême possuía, ao que parece, o passado revolucionário e romântico perfeito: a criança que instituiria a ordem e o classicismo triunfante nas cozinhas da França emergiu da sarjeta e do tumulto do terror parisiense. Napoleão aprovaria, naturalmente.”

Esta citação elucida em parte um dos lugares assumidos pelo sujeito, a saber, de sujeito cozinheiro dos reis, se contrapondo ao vivido, trazendo a ordem triunfante para a gastronomia, apesar de uma memória psíquica e discursiva tão marcadas pela desordem. Além disto, Carême trazia um peso forte no seu nome Marie Antoine Carême, apelidado Antonin, em homenagem à rainha Maria Antonieta fortemente e romanticamente admirada pelos seus pais, apesar do sentimento anti- monarquista vigente. As palavras “ordem, triunfo e o seu próprio nome” parecem marcar um lugar de soberania, deixar entrever o requinte que virá a ser uma das grandes qualidades da sua gastronomia, já que ficou, sobretudo, reconhecido por ter servido a reis e nobres.

Por outro lado, a sarjeta vivida e assistida na infância, o fez se deslocar do lugar de chefe de cozinha de reis para o de também democrata da gastronomia. Veja o que diz em *L’art de cuisine française au XIX^e siècle*, volume I « Mon livre n’est donc point écrit que pour les grandes maisons. Je veux, au contraire, qu’il devienne d’une utilité générale »²(CARÊME, 1833, p. 58). Ao dizer que sua obra não é feita apenas para palácios, mas que é de utilidade geral, ele projeta o seu discurso para interlocutores que supõe, na perspectiva das formações imaginárias, estarem prontos para entendê-lo, neste caso seriam os burgueses, as famílias comuns.

Acrescente-se « La lecture de mon livre rendra d’importants services à toutes les fortunes et à toutes les personnes qui aiment par goût à s’occuper de la préparation de leur cuisine, première nécessité de la vie privé et sociale »³ (CÂREME, 1833, p.57). Neste exemplo, Carême mostra que sua obra presta serviço a todas as fortunas, isto é , os seus interlocutores são por um lado nobres e por outro burgueses ou gente do povo que na sua projeção imaginária tenha preocupação com a boa cozinha. É atestado também:

les hommes du dix-huitième siècle qui ont écrit sur l’art alimentaire n’ont point daigné analyser quelques notions sur les soins à donner au modeste pot-au-feu; cependant c’est la nourriture principale de la classe laborieuse de la nation.⁴(CARÊME, 1833, p.1).

² Traduz-se: “Meu livro não está escrito apenas para os grandes palácios. Eu quero, ao contrário, que ele seja de utilidade geral”.

³ Traduz-se: “A leitura de meu livro prestará importantes serviços a todas as fortunas e a todas as pessoas que gostam de se ocupar da preparação da comida, primeira necessidade da vida privada e social”.

⁴ Traduz-se: “Os homens do século XVIII que escreveram sobre a arte alimentar não analisaram algumas noções sobre os cuidados na preparação do pot-au-feu. Contudo é a alimentação principal da classe trabalhadora da nação”.

Neste trecho, o sujeito chefe de cozinha fala através do seu discurso com o povo trabalhador, tratando do pot-au-feu, como prato da classe trabalhadora e dos cuidados que deve ter na sua preparação, além de projetar um conhecimento do prato pelos seus interlocutores, enriquece o seu discurso com detalhes de preparação que podem ou não ser conhecidas.

Outro fato histórico levantado por Kelly (2005, p. 35) é que o tumulto político de então se refletia na gastronomia, o debate era acirrado entre o antigo e o novo na culinária, a questão posta era se a boa comida era um luxo pernicioso do passado monárquico ou a maior das artes democráticas da França? E ainda, se a comida devia ser servida quase toda como bufê – *à la française* - ou no estilo moderno e democrático “*à la russe*” em que os pratos são servidos em sequência? Os temperos fortes do passado deveriam ou não se tornar mais puros e codificados? E quanto à sopa, alimento fundamental na refeição daquele momento, qual lugar ocuparia?

Nesta turbulência sócio-histórica-política e gastronômica, o sujeito em uma das suas faces, a saber, a de cozinheiro dos reis dizia ao se referir ao dever do chefe de cozinha “Mais le premier talent que nous devons, c’est de bien faire, et de faire au goût du seigneur que nous servons, afin de lui conserver ses habitudes et sa santé.”⁵ (CARÊME, 1833, p.62). Neste caso, o sujeito marca a sua posição de cozinheiro dos reis, inclusive ampliando esta posição para outros chefes, quando diz que o dever do chefe é fazer a cozinha com qualidade para o seu senhor, cuidando ainda da sua saúde. Neste lugar o sujeito exclui qualquer interlocutor que não comungue do discurso monárquico,

Ao mesmo tempo, como aponta Kelly (2005, p. 37) ao se referir à concepção de Carême sobre os serviços de mesa, dizia que a sopa deveria ter o seu lugar garantido, iniciando toda refeição, pois ela era democrática permitindo que cada refeição começasse por um ato comunitário. Neste caso, depara-se com a outra face deste sujeito, do democrata gastronômico.

O desabrochar da sua carreira foi naturalmente definindo as suas habilidades culinárias e como portador de uma sorte indiscutível encontrou a sua fama na arte da confeitaria que, mesmo na turbulência contextual, conseguiu se manter como uma arte de luxo. Por volta de 1798 a 1802, período de subida ao poder de Napoleão, a confeitaria onde Carême trabalhava era uma das mais bem localizadas de Paris pós-Revolução, frequentada por políticos e pessoas ilustres. Neste local, Carême aprendeu a arte de confeitaria que seria a base da sua fama posterior, criou as *pièces montées ou extraordinaires* que eram as esculturas feitas com açúcar em pontos diferentes de cozimento e que foram durante a sua trajetória um marco nos banquetes que preparou, era a arte decorativa do passado da gastronomia, herança italiana, sendo trazida para a França. Estas peças que podiam ser comidas retratavam a arquitetura antiga estudada por Carême durante as suas horas de folga, constituíam o glamour, a nobreza, o belo na gastronomia. Como ele costumava dizer, a arquitetura era a primeira das grandes artes e a gastronomia era o seu ramo principal.

Foi nesta confeitaria que conheceu o político e diplomata Charles Maurice Talleyrand que se tornou admirador de seu trabalho e abriu as portas da fama para Carême, visto que o contratou para lhe prestar serviços durante anos nos inúmeros banquetes que oferecia e onde os seus convidados passavam a conhecer as delícias produzidas por Carême e a disputá-lo. Este fato elucida o lugar de cozinheiro dos reis ocupado por este sujeito e traz uma das respostas para questionamentos feitos inicialmente, ou seja, o porquê de um filho da revolução ser tão marcado como cozinheiro de uma ordem política tão repudiada como a

⁵ Traduz-se: “Mas o maior talento é fazer bem feito, fazer ao gosto do Senhor a quem servimos buscando manter os seus hábitos e a sua saúde”.

monarquia. As circunstâncias propícias o fizeram conquistar o lugar no meio de nobres, Carême ao ser abandonado ouviu do seu pai que deveria usar a inteligência para fazer fortuna, fato que neste meio era totalmente possível. Este sujeito ao qual todo este texto vem se referindo é o sujeito a quem é dado pelas próprias circunstâncias a possibilidade de escolha.

Ao longo das análises que foram feitas anteriormente, os deslocamentos do sujeito sempre oscilam entre o democrata culinário, no qual prevalecem os acontecimentos que impregnam a sua memória discursiva concernentes a tudo que foi visto, ouvido e vivido na França Revolucionária como também às suas crenças de infância oriunda de uma família monarquista que permeiam o seu dizer de cozinheiro dos reis, além da sua escolha, circunstancialmente falando, em aderir ao discurso do poder que abriu as portas para ele. Como afirma Orlandi:

Há uma contradição no interior do sujeito: não sendo nem totalmente livre nem totalmente submetido. O espaço de constituição do sujeito é tenso, pois ao mesmo tempo em que é interpelado pela ideologia, ele ocupa na formação discursiva que o determina, com sua história particular, um lugar que é essencialmente seu. (ORLANDI, 1988, p. 81).

O sujeito não deixa de sofrer os efeitos das formações discursivas que atravessam o seu discurso, ele se posiciona no espaço próprio de interpretação com sua liberdade condicionada ora comungando com o dito ora se opondo. As circunstâncias da enunciação permitem este movimento.

Com o objetivo de caminhar para o fechamento dessas reflexões, opta-se pelo retorno às fontes teóricas, retomando Pêcheux (2002, p. 56) quando diz que as filiações sócio-históricas e os trajetos sociais não inviabilizam no discurso as agitações, desestruturas e reestruturas que possam ocorrer sobre si próprios, através do trabalho de interpretação, entendido como atos de tomadas de posição de um sujeito.

Acrescenta-se Possenti (2002, p.99) cujo posicionamento teórico parece explicar todos os fatos que foram apresentados do discurso de Carême. Ele diz nas suas reflexões que não existe um sujeito assujeitado na sua totalidade, mas, um sujeito condicionado que age sobre a linguagem, exercendo sua atividade sobre os significantes, no espaço de incompletude da língua, onde o sentido pode sempre ser outro. Este ponto de vista, porém, não deve alimentar a ilusão de que, por não ser integralmente assujeitado, o sujeito deve ser livre. Nos pressupostos expostos por Possenti, no universo que envolve o sujeito do discurso existem múltiplas estruturas geradoras de discursos diversos denominadas, pela escola francesa de análise do discurso, interdiscurso, que, em graus diferentes, afetam o sujeito, regulando o seu discurso, porém, estas estruturas detentoras de discursos variados não são estanques, nem tampouco totalmente estruturadas. Elas deixam lacunas entre si que constituem um espaço de interpretação e de atuação do sujeito no intradiscurso, permitindo que ele não seja um mero efeito do discurso que o precede, um consumidor sem direito de escolha ou um escravo das crenças que atravessam o seu inconsciente e determinam as suas posições. Possenti propõe um espaço de atividade e de escolha para o sujeito.

A. Carême é um exemplo deste sujeito discursivo descrito em Possenti. Ele foi um mestre da confeitaria, aquele que se tornou conhecido pelas inovações das receitas e técnicas, na criação ou re-criação de molhos e pelo comando das cozinhas reais francesas e européias, todos os nobres e demais cozinheiros se curvavam aos pratos que preparava, além de que por ter vivenciado os ideais de liberdade, igualdade e de fraternidade permitiu que na sua gastronomia houvesse o lugar para pratos que atendessem à classe trabalhadora da nação. Assim, trata-se de um sujeito histórico, ideológico, circunstancial, constituído em uma

atmosfera de transformações, que aproveita do seu aqui e do seu agora como um sujeito em ascensão no seu meio profissional para delimitar o seu espaço, fazendo uso de uma certa liberdade que o permitia transitar entre espaços discursivos distintos, a saber o dos nobres, o dos burgueses e o dos trabalhadores, ora como cozinheiro dos reis ora como rei dos cozinheiros ora como democrata da cozinha. As reflexões aqui apresentadas findam com o que disse Carême na obra *L'art de la cuisine française au XIXe siècle*⁶:

En vérité, ces trois grandes époques sont tellement extraordinaires (l'ancien régime, avant 93, l'empire, les grandes maisons du jour) que je me sais bon gré d'en avoir analysé dans le discours préliminaire de mon Maître d'hôtel, les causes et les effets, ainsi que l'influence qu'elles ont exercée sur la cuisine moderne. Ces trois périodes de l'art culinaire sont assez intéressantes pour que je rappelle ici quelques nouveaux détails qui serviront à mieux faire ressortir les conséquences des mes véridiques observations sur l'état de la cuisine française vers la fin du dix-huitième siècle et au commencement du dix-neuvième ⁶(CARÊME, 1833, p.45-6).

Este fragmento apresenta o conhecimento do sujeito do antigo regime, do império e das novas classes sociais, reiterando o papel da memória discursiva que atravessa os seus discursos seja como cozinheiro de reis seja como democrata da cozinha e mostra que este sujeito engajado procurou na sua obra retratar e deixar um legado sobre a gastronomia do final do século XIX e começo do XX.

Considerações finais

103

Até o momento, buscou-se apresentar o sujeito que foi cozinheiro dos reis e nobres e também o sujeito cozinheiro preocupado com as transformações da época. Os fatos históricos apontados, o sujeito e seu discurso analisados à luz de definições básicas da escola francesa de análise do discurso ratificam a noção de sujeito e discurso como um efeito resultante de um pré-construído que condiciona o espaço desse sujeito e do seu dizer.

Contudo, se o título atribuído a A. Carême de chefe de cozinha de reis, nobres e burgueses reitera o lugar de assujeitamento, ao chamá-lo rei dos chefes de cozinha, ao citar as suas preocupações com a alimentação da classe trabalhadora, ao constatar as inovações que ele trouxe para a gastronomia moderna, como a criação do chapéu do chefe, a toque, e a releitura que fez de pratos dos palácios que podiam doravante ser feitos por donas de casa, atesta-se que este sujeito age no seu discurso, ele faz opções de acordo com a imagem que tem de si e do outro dentro do contexto seja este imediato ou não.

O sujeito e os discursos analisados são efeitos, não se pretende de forma alguma negar, mas nos limites das formações discursivas este sujeito exerce “uma certa liberdade”, deslocando-se nos lugares discursivos possíveis.

⁶ Traduz-se: “Em verdade, estas três grandes épocas são extraordinárias (o Antigo Regime, antes de 93, o Império e as Casas de hoje) que eu soube analisar bem no discurso preliminar de Mon maître d'hôtel, as causas e os efeitos, as influências que elas exerceram na cozinha moderna. Esses três períodos da arte culinária são bastante interessantes para que eu lembre aqui alguns detalhes que servirão para mostrar as consequências das minhas verdadeiras observações sobre o estado da cozinha francesa no final do século XVIII e início do XIX”

Referências :

CARÊME, Antonin. *L'art de la cuisine française au XIX siècle; Traité élémentaire et pratique*. Tome I. Paris, chez MM.,1833.

COURTINE, Jean-Jacques. La noción de condición de producción del discurso. In : _____. *Análisis del discurso político (el discurso comunista dirigido a los cristianos)*. Trad. Maríadel Carmen Saint-Pierre. Fortune City, Web Hosting, Domain Names, Photo Album, 1981. p. 19-37.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2 ed. São Carlos: ClaraLuz, 2007.

KELLY, IAN. *Câreme Cozinheiro dos reis*. Trad. Maria Slade Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MAINGUENEAU, D. *Termos-chave da análise do discurso*. Trad. Márcio Venício Barbosa, Maria Emílnia Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: EDUFMG, 2000.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso; princípios e procedimentos*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, Eni et al. *Sujeito e texto*. São Paulo : EDUC,1988.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso; estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 3 ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.

POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso; ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba: Criar Edições, 2002.

TREFZER, R. *Clássicos da literatura culinária: os mais importantes livros da gastronomia*. Trad. Marcelo Rondinelli. São Paulo: Senac, 2009.

Recebido em 14/07/2015
Aprovado em 15/12/2015